

Pesquisa-intervenção com crianças de 0 a 3 anos: Espaço e suas interações¹

Fernanda Bernardo Maciel
Simone Santos de Albuquerque

Resumo

Este artigo origina-se a partir do trabalho de conclusão apresentado no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da FAGED/UFRGS – MEC que buscou investigar como se expressa, no cotidiano do grupo das Lagartas II (Maternal I), a organização do espaço/ambiente a partir da intervenção pedagógica. A pesquisa se destinou a buscar indicativos, no decorrer do ano de 2013, que demonstrassem de que forma o espaço deste grupo foi sendo construído a partir das intervenções pedagógicas da equipe de educadoras em uma escola da rede municipal de Porto Alegre. Inspirada nos referenciais sobre pesquisa-intervenção com crianças, foi possível observar no decorrer do processo investigativo que a construção da ação educativa foi voltada para a complexificação do sentir, do pensar, da ludicidade e das interações, através da disponibilidade adulta para a escuta das crianças, assim como através das diferentes propostas de intervenção no espaço que possibilitaram uma pedagogia das relações.

Palavras-chave: Educação infantil. Organização do espaço. Pesquisa-intervenção.

¹ Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso produzido no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da FAGED/UFRGS – MEC intitulado *Pesquisa-intervenção com crianças de 0 a 3 anos: espaço e suas interações*, sob orientação da Prof.^ª Dr.^ª Simone Santos de Albuquerque.

Este artigo é resultado de uma pesquisa que investigou, no decorrer do ano de 2013, como se expressou no cotidiano do grupo do Maternal 1 (2 a 3 anos) a organização do espaço/ambiente a partir da intervenção pedagógica feita pela equipe de educadoras, coordenada por mim, enquanto professora-referência da turma. Foram analisadas as relações com a equipe diretiva, as famílias e as crianças na construção das interações do grupo com o espaço/ambiente.

Para o acompanhamento e registro deste estudo, foram utilizados repertórios fotográficos, questionários e observações refletindo sobre propostas de recomposição e/ou transformação da sala do grupo no decorrer do ano.

Esta pesquisa articulou-se à busca por uma análise reflexiva sobre minha prática educativa e da equipe de trabalho na escola. Inspirada nos referenciais de Zago (2003), Tura (2003) e Macedo (2012) sobre pesquisa-intervenção com crianças, este processo investigativo só foi oportunizado por uma análise sem distanciamento, realizando o acompanhamento de propostas de novos arranjos espaciais, significando as vivências dos pequenos, a partir das intervenções propostas.

Das inquietações à pesquisa

O início no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (FACED/UFRGS – MEC), no ano de 2012, oportunizou uma revisão quanto ao meu papel como educadora de crianças pequenas.

No final do mesmo ano, assumi junto à direção da escola em que trabalhava, na rede pública municipal de Porto Alegre, a docência no grupo das Lagartas II², com faixa etária de 2 a 3 anos, dedicando o período de recesso escolar à pesquisa sobre práticas cotidianas, interações e brincadeiras.

Após a leitura dos documentos da escola e uma análise sobre a realidade da instituição em que a pesquisa seria realizada, uma pergunta passou a ser constante em minhas reflexões, a saber: como se expressa, no cotidiano do grupo das Lagartas II, a organização do espaço/ambiente a partir da intervenção pedagógica?

² Lagartas II é a nomenclatura utilizada nesta escola para a turma de Maternal I (2 a 3 anos) devido ao trabalho ambiental desenvolvido nesta instituição, que utilizou uma livre associação com a metamorfose das borboletas, caracterizando os grupos etários.

A pesquisa destinou-se a buscar indicativos, no decorrer do ano de 2013, que demonstrassem de que forma o espaço do grupo das Lagartas II foi sendo construído a partir das intervenções pedagógicas da equipe de educadoras, composta por quatro profissionais (professora, monitoras e estagiária), procurando analisar as relações com a equipe diretiva, as famílias e as crianças na construção das interações do grupo com o espaço/ambiente.

Para o acompanhamento e registro da pesquisa, foram utilizados repertórios fotográficos, evidenciando desta forma a visibilidade das infâncias na proposta de trabalho. As imagens não apenas serviram como uma forma de ilustrar a pesquisa, mas também auxiliaram na composição da escrita, realizando uma análise mais contextualizada sobre as observações no grupo e as transformações na sala, tenham sido elas provisórias, momentâneas ou duradouras.

Para Tura (2003, p. 184), “a observação é uma forma de aproximação do indivíduo com o mundo em que vive. Pelo olhar entramos no mundo, começamos a nos comunicar com ele e iniciamos o conhecimento a respeito dos seres que nele habitam [...]”.

Fotografar ou não alguns momentos concomitantemente à observação revelou aos poucos minha construção enquanto pesquisadora, pois possibilitava o ajuste do meu foco ao olhar o cenário.

O diálogo estabelecido por mim entre as observações, as fotos e os registros contextualizou cenas, interações e vivências neste grupo, utilizando minhas percepções sobre como os pequenos significavam suas vivências a partir das intervenções propostas no decorrer da pesquisa.

Como metodologia, também foi aplicado um questionário às educadoras que trabalham com a faixa etária de 0 a 3 anos e à equipe diretiva a fim de compreender suas concepções sobre um espaço/ambiente destinado às crianças pequenas. Nesse questionário, foram utilizadas algumas perguntas articuladas à dimensão relativa a espaços, materiais e mobiliários, encontrada no documento criado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2009) como um instrumento de autoavaliação da qualidade das instituições de educação infantil.

Planejar, intervir e analisar foram ações constantes nesta pesquisa inspirada nos referenciais sobre pesquisa-intervenção com crianças, pois este processo investigativo só foi oportunizado por uma análise sem distanciamento, transformando para conhecer a realidade. Sendo assim, não foi possível apenas

conhecer e pesquisar sem o desejo de transformar o espaço pesquisado com a criação de alternativas metodológicas que incluíssem as crianças neste processo investigativo.

Macedo et al. (2012, p. 92) apontam que: “Pensar as crianças como sujeitos ativos no contexto da pesquisa implica entendê-las como dotadas de capacidade de agir no mundo social e de construir interpretações e intervenções singulares [...]”

Zago et al. (2003) afirmam que as relações interpessoais realizadas no espaço também podem ser percebidas como formas metodológicas de pesquisar e refletir. Diariamente participei de momentos diversos da rotina do grupo, interferindo e possibilitando um intenso “mergulho” na pesquisa.

As educadoras e famílias também puderam gerar e construir dados ao expor o seu envolvimento, ou não, nas transformações que ocorriam no cotidiano do grupo no decorrer do ano, compreendendo a importância do papel destes adultos na construção e organização de um espaço de qualidade para a faixa etária de 0 a 3 anos.

A pesquisa-intervenção apresentou-se como uma metodologia que favoreceu minha prática pedagógica neste grupo a partir dos estudos realizados que direcionaram meu planejamento e as intervenções voltadas à escuta atenta sobre os interesses e as necessidades das crianças.

Construindo a intervenção pedagógica

Destaco aqui algumas das principais intervenções realizadas no grupo das Lagartas II no decorrer da pesquisa que possibilitaram minha análise e reflexões sobre infâncias, ludicidade e interações.

Horn (2003) em sua pesquisa enfatiza que, quando pensamos em espaços, não basta apenas organizar cantos temáticos ou dispor jogos nas prateleiras, é preciso refletir sobre o que desafia este grupo de crianças, onde, como, quando e de que forma a educadora deverá intervir, ou não, junto a elas.

Pensando em alternativas que possibilitassem às crianças a oportunidade de movimentos corporais que incentivassem a ludicidade e as brincadeiras, foi solicitada à direção da escola a retirada das mesas e cadeiras da sala para que as educadoras não acabassem recorrendo a elas constantemente, incentivando uma prática pedagógica com interações em espaço mais amplo e oportunizando

processos criativos entre as crianças. Contudo, esse pedido foi recusado, com o argumento de que não haveria lugar para guardá-las na escola e que provavelmente seriam utilizados futuramente por outras educadoras.

A segunda alternativa pensada foi a de retirá-las diariamente para o corredor da escola, oportunizando desta forma um espaço maior para a realização de brincadeiras e para a expressão das crianças, gerando neste novo espaço muitas brincadeiras de roda do folclore popular brasileiro que faziam parte da proposta de projeto da turma.

No início surgiram desafios que, para os adultos, podem parecer simples, como formar uma roda, contudo, para os pequenos este ato de dar as mãos e colocar-se no grupo oportunizava diariamente a construção da autonomia e da personalidade de cada um.

Conforme Horn (2003), o espaço assim organizado favorece interações entre crianças, promovendo a identidade pessoal, o desenvolvimento de competências e habilidades e, por conseguinte, a construção da autonomia moral e intelectual.

Nestes momentos de diversão e envolvimento com as crianças, era possível observar a dificuldade das educadoras em permitirem-se brincar, manifestando expressões de constrangimento e algumas vezes de insatisfação, optando por atenderem os pequenos em suas demandas, como troca de fraldas, uso do banheiro, troca de roupa, etc.

Considero tais demandas de cuidados como parte integrante e fundamental da infância, contudo, não era possível perceber a disposição para troca de experiências lúdicas das educadoras com as crianças, constatando inclusive a dificuldade na comunicação das crianças com os adultos da turma ao solicitarem materiais para comporem suas cenas lúdicas, pois, como não estavam imersas no mundo imaginário, não conseguiam compreender a urgência no acesso a tecidos, bolas, cordas e outros materiais alternativos.

Diariamente os pequenos cobravam o momento de retirada das mesas e auxiliavam com grande empenho, carregando as cadeiras e agindo em grupo para levar as grandes mesas para fora da sala, assumindo aos poucos o papel de agentes transformadores daquele espaço.

Na tentativa de oportunizar novos desafios, brincadeiras e interações, em uma parede que antes era vazia na sala, foram instalados uma prateleira bem baixa, ganchos, telefones, carrinhos de boneca e uma pequena cozinha, facilitando

tando o livre acesso das crianças a estes materiais. Neste novo arranjo espacial, repleto com muitas possibilidades à disposição dos pequenos, estes corpos que agora se movimentavam passaram a interagir e socializar, mesmo que anteriormente já o fizessem, pois a partir daí este espaço oportunizava a construção de diferentes repertórios lúdicos com maior autonomia.

Figura 1 — Sala de atividades do grupo das Lagartas II





Fonte: Arquivo da pesquisa

As primeiras brincadeiras testemunhadas foram relacionadas às suas vivências familiares de cuidado e afetividade, reproduzindo a hora de comer, dormir, passear e realizar a higiene, pois os brinquedos possibilitaram a ampliação deste repertório lúdico, se apresentando como instrumentos para a criação de cenários, como o espaço da “casinha”, onde as panelinhas convidavam ao imaginário das refeições.³

³ As autorizações de uso da imagem encontram-se nos arquivos da pesquisa.

Figura 2 — Brincadeiras relacionadas às vivências familiares



Fonte: Arquivo da pesquisa

A teia de relações construída dia a dia no grupo das Lagartas II possibilitou diversas trocas de culturas e experiências de vida. Brincando, as crianças passaram a confrontar conhecimentos e repertórios lúdicos. Qualificar o brincar requer empenho, planejamento e muita disposição! Assim, foi necessário um maior envolvimento dos adultos nos diálogos com os pequenos, assumindo alguns papéis nas brincadeiras, como mamãe, filha, motorista do ônibus, maquiadora, médica, paciente, etc.

Segundo Bondioli (1998, p. 227),

a cumplicidade que se cria entre adulto e criança que brincam juntos não possui somente o efeito de oferecer à criança uma gama de possibilidades lúdicas posteriores, em relação *àque-la* que poderia experimentar sozinha ou com os colegas, mas também permite ao adulto a redescoberta de aspectos de sua infância esquecida.

Essa intensidade na relação dos adultos com as crianças facilitou a comunicação entre elas mesmas, pois a participação como educadora do grupo oportunizou diariamente a capacidade de autogerenciamento dos pequenos ao serem incentivados à busca pela autonomia. Conflitos, disputas por brinquedos, choros, manhas passaram a ser solucionados por eles mesmos. Apenas em situações mais extremas é que se mostrava necessária a intervenção das educadoras. O encorajamento das brincadeiras simbólicas oportunizou gradativamente o compartilhamento, a solidariedade, a comunicação e principalmente as interações.

Fortuna (2004) considera que, por meio da brincadeira, tanto a realidade interna quanto a realidade externa é transformada, e é também a partir da brincadeira que a ação de compreender quem brinca é construída.

Em diversos momentos percebia-se que as crianças precisavam de um repertório lúdico inicial para incentivar as brincadeiras. Preparar o espaço para a imaginação não era suficiente, tornando-se necessária a participação dos adultos como agentes de divulgação da cultura lúdica ao apresentarem novos repertórios, vocabulários, transformando as relações e interações.

As crianças, após os novos arranjos, passaram a construir novas brincadeiras, estabelecer novos pares e a exigir mais das educadoras. A sala ficou pequena para tanta curiosidade e os olhares curiosos passaram a desejar o mundo.

Gradativamente, as mesas voltaram para a sala, porém ficavam em um espaço reduzido, e as próprias crianças ajudavam a arrastá-las, compreendendo este ato como a hora em que a diversão iria começar. Dessa forma, as mesas eram utilizadas apenas quando buscavam este espaço para imaginar cavernas, esconderijos, ou para montarem suas construções.

Figura 3 — Uso das mesas



Fonte: Arquivo da pesquisa

O dia a dia no grupo tornou-se mais rico para os pequenos, pois as trocas passaram a ter maior profundidade entre as crianças e as educadoras. Todos se sentiam como parte deste novo ambiente, construído com carinho e envolvimento, gerando expectativas positivas sobre os encontros diários.

Pensar o espaço escolar na educação infantil a partir do olhar dos pequenos requer uma nova percepção dos adultos sobre os desejos e as necessidades das crianças, exigindo uma escuta sensível e atenta às suas demandas.

A estrutura predial pode se apresentar como um desafio constante aos educadores, pois geralmente sua construção é inspirada nos modelos escolarizantes, com pouca flexibilidade para novos arranjos e transformações, como, por exemplo, as altas janelas constantemente encontradas nestes espaços.

A janela da sala das Lagartas II possuía uma vista privilegiada da horta da escola, onde há muito verde, plantas, árvores e pássaros, porém somente os

adultos é que conseguiam visualizar este espaço de dentro dela, pois as janelas são altas e as crianças precisavam ficar na ponta dos pés para enxergarem algo.

Figura 4 — Visão das crianças



Fonte: Arquivo da pesquisa

Algumas alternativas foram pensadas para auxiliar os pequenos, como, por exemplo, a construção de um degrau que possibilitasse o acesso das crianças à janela, mas, por falta de recursos, isso não foi possível. Então, neste momento o exercício da autonomia novamente foi desenvolvido ao serem realizadas combinações em que todos poderiam utilizar as cadeiras da sala para visualizar a rua, ressaltando alguns cuidados com a segurança.

Figura 5 — Visão das crianças em cima das cadeiras



Fonte: Arquivo da pesquisa

Macedo et al. (2012, p. 106) em seus estudos apontam que “o olhar da criança se oferece ao adulto como um promissor desvio ao seu olhar habitual. Esse desvio pode nos levar a ver coisas que não teríamos como encontrar da posição em que irremediavelmente estamos”.

Os pequenos passaram a observar e analisar a natureza com um olhar mais atento, se apropriando do ambiente natural para absorverem tudo ao seu redor, a tempestade que se formava, o vento sacudindo as folhas, raios, trovões, a chuva que caía, a planta que era molhada, o pássaro que se banhava, tudo cuidadosamente visto, sentido e pesquisado pelas crianças.

Para Bondioli e Mantovani (1998), o adulto, além de garantir uma presença tranquilizadora, necessária para motivar comportamentos lúdicos, pode cumprir uma função desinibidora em relação àquelas crianças que demonstram dificuldade ou medo ao enfrentar materiais pouco conhecidos e situações inéditas. Sendo assim, o papel das educadoras foi fundamental ao oportunizarem novas experiências em suas práticas cotidianas.

A infância e a prática docente: reflexões a partir da intervenção no espaço

Através da ludicidade, a criança expressará suas primeiras produções culturais, pois nas suas interações com seus pares estabelece relações sociais que desenvolvem a sua autonomia e potencializam a construção de conhecimentos e de linguagens. Penso que os estabelecimentos de educação infantil devem refletir sobre o seu papel neste processo de produção histórica das infâncias, compreendendo esta etapa como um momento de rápidas e intensas aprendizagens.

A função da educação infantil deveria ser a de possibilitar vivências em grupo, compartilhando ideais de acolhimento, respeito ao próximo, observando o mundo pelo olhar do outro, vivenciando a diversidade, ampliando os saberes através da convivência diária sustentada nas relações e nas interações, oferecendo uma prática pedagógica diferenciada, que visaria à construção nas experiências cotidianas, e não apenas nos resultados esperados pelos adultos.

Assim como as crianças, o espaço também pode ser percebido com um lugar de possibilidades infinitas, pois, se for compreendido como um parceiro educativo, como afirma Horn (2003), assumirá novo significado na proposta pedagógica dos educadores.

Um espaço em constante transformação, que se mostra como um ser vivo, promovendo as relações interpessoais, estimulando aprendizagens, transforma-se em um ambiente que pulsa, que transmite mensagens sobre a proposta realizada com este grupo de crianças, sobre as concepções da educadora que ali desenvolve um trabalho e principalmente sobre qual é a proposta pedagógica desta instituição.

No decorrer deste estudo foi possível observar que as práticas cotidianas precisam explorar possibilidades de ludicidade, de interações e de aprendizagens entre as crianças e seus pares. Um ambiente pensado como um instrumento vivo para favorecer as interlocuções infantis necessariamente precisa oportunizar a descentralização da figura do adulto, pois a criança passará a sentir-se segura e encorajada para explorar o ambiente, realizando interações e buscando, às vezes, privacidade em suas construções.

Através dos estudos realizados nas obras de Horn (2003; 2007), Forneiro (1998) e Escolano (2001), acredito que o compartilhamento das experiências seja o ponto-chave sobre esta postura do educador, pois desfaz uma visão adul-

tocêntrica sobre o seu papel na educação infantil, de forma que todos compartilham saberes, culturas e aprendizagens e o cotidiano torna-se mais rico. Ao criar um ambiente que favoreça as interações, o educador estará promovendo concomitantemente o desenvolvimento das potencialidades da criança e um importante papel na construção de sua identidade.

Nesse sentido, pensar em uma proposta pedagógica voltada para as aprendizagens enquanto interações possibilita a ruptura de paradigmas educativos inspirados em modelos escolarizantes para a educação infantil. A proposta de intervenções voltadas para a construção de experiências cotidianas na infância, com maior riqueza de interações, ocorreu sustentada nas relações afetivas que se fortaleciam diariamente.

Dessa forma, percebe-se a pesquisa-intervenção como uma proposta metodológica importante na construção da ação educativa com as crianças pequenas, pois esta escolha possibilitou não apenas o relato de uma determinada realidade, mas sim o testemunho dos processos infantis ocorridos na convivência diária com o grupo.

As teias de relações construídas nesta turma oportunizaram a reflexão constante sobre minha prática docente, interagindo, observando, pesquisando, intervindo e principalmente construindo novos olhares sobre as infâncias e a ludicidade. No decorrer deste estudo pude perceber que as intervenções na sala buscavam constantemente uma mudança na postura e brincadeiras das crianças, contudo, creio que a maior modificação ocorreu em minhas práticas pedagógicas, ao incentivar as crianças na busca pela autonomia. Gradativamente, modifiquei minha postura perante esse novo desafio, buscando formas de descentralização da minha figura como educadora deste grupo.

O relatório do projeto intitulado Práticas Cotidianas na Educação Infantil (2009, p. 8) aponta:

As crianças pequenas solicitam aos educadores uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências cotidianas e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados individualizados nas diferentes áreas do conhecimento.

Penso que não apenas as intervenções realizadas, mas também o processo de formação com a equipe através de leituras, pesquisas, conversas e trocas de experiências possibilitaram a construção das mudanças significativas na sala e na rotina deste grupo. A participação das educadoras fomentou a transformação do espaço em ambiente, construído gradativamente pelas múltiplas relações afetivas, cognitivas e sociais, ao refletirem sobre as necessidades e desejos implícitos nas brincadeiras infantis.

Esta pesquisa necessitou da interação mútua entre as educadoras e o espaço em transformação, ao criarem novos arranjos espaciais, reestruturarem o ambiente e desafiarem-se a novas práticas educativas, constituindo uma dimensão fundamental nas práticas educativas entre crianças-crianças e crianças-adultos.

Com a organização dos ambientes, a prática docente pôde ser estruturada a partir de uma pedagogia das relações no grupo das Lagartas II, incentivando, oportunizando as interações, a pluralidade de experiências e a participação dos pequenos como protagonistas da pesquisa, sem anular o papel fundamental do educador nas intervenções propostas, ao ler e sentir as necessidades do grupo, ampliando suas experiências lúdicas e sociais.

A pesquisa-intervenção pressupõe um processo em que todos os sujeitos envolvidos são alterados, pois se colocam em diálogo, permitindo que crianças e adultos participem de um exercício crítico no processo de reflexão e ação. As experiências compartilhadas neste grupo oportunizaram a construção da ação educativa voltada para a complexificação do sentir, do pensar, da ludicidade e das interações, através da disponibilidade adulta para a escuta das crianças, assim como diferentes propostas de intervenção no espaço.

Referências

BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**, v. 1. Brasília, DF: MEC, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**, v. 2. Brasília, DF: MEC, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil**: bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC/UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB/ UFRGS, 2009.

ESCOLANO, Agustín; FRAGO, Antonio Vinao. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FORTUNA, Tânia Ramos. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, Ivany Souza; SEFTON, Ana Paula (orgs.). **Escola e sala de aula – mitos e ritos**: um olhar pelo avesso do avesso. Porto Alegre: 2004, p. 47-59.

HORN, Maria da Graça. **O papel do espaço na formação e transformação da ação pedagógica do educador infantil**. 2003. 151 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Jogo de papéis**: um olhar para as brincadeiras infantis. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

TURA, M. L. R. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.; VILELA, P. (orgs.). **Itinerário de pesquisa**. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAGO, N.; CARVALHO, M.; VILELA, P. (orgs.). **Itinerário de pesquisa**. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.